

A FILOSOFIA RENITENTE AO DESTINO NOS *PENSAMENTOS* DE GIACOMO LEOPARDI: CONTRAPONTO À INTERPRETAÇÃO NIETZSCHIANA SOBRE O PESSIMISMO LEOPARDIANO

Taís da Silva Brasil¹

RESUMO: O presente artigo objetiva defender a presença de uma filosofia “renitente ao destino” em Giacomo Leopardi (1798-1837), ou seja, a existência de um pensamento não resignado. Defende-se que o pessimismo leopardiano “não permite sucumbir”, como diria Walter Benjamin, e é um claro “posicionamento diante da marcha natural do mundo”, contrário a uma interpretação que desconsidera a atenção ao tempo presente na obra de Leopardi. A interpretação de Nietzsche do pessimismo de Leopardi o associa à decadência fisiológica, à fraqueza e ao cansaço. No entanto,

¹ Graduada em Licenciatura em Filosofia pela UECE. Mestre em Filosofia pela UFO. Doutoranda em Filosofia na Universidade de São Paulo-USP (Pesquisa realizada com apoio financeiro da Capes). E-mail: taisbrasil4@gmail.com.

conclui-se, em contraponto a esta interpretação, que Leopardi deseja enfrentar os limites da civilização moderna com base em certa compreensão sobre ela na obra *Pensamentos*, fazendo frente às “consequências perigosas” do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: pessimismo – crítica do presente – Modernidade

LA FILOSOFIA RENITENTE AL FATO NEI *PENSIERI* DI GIACOMO LEOPARDI: CONTRAPPUNTO ALL'INTERPRETAZIONE NIETZSCHEANA DEL PESSIMISMO DI LEOPARDI.

ASTRATTO: Questo articolo obietiva difendere la presenza della filosofia “renitente al fato” in Giacomo Leopardi (1798-1837), cioè l'esistenza di un pensiero non rassegnato. Si sostiene che il pessimismo di Leopardi “non permettere soccombere” como direbbe Walter Benjamin ed è un chiaro “posizionamento di fronte alla marcia naturale del mondo”, contrariamente a un'interpretazione che non tiene conto dell'atenzione al tempo presente nell'opera di Leopardi. L'interpretazione di Nietzsche del pessimismo di Leopardi lo associa a decadenza fisiologica, a debolezza e la stanchezza. Tuttavia, si è concluso, in contrasto con questa interpretazione, che Leopardi desidera affrontare i limiti della civiltà moderna con base su comprensione di essa nell'opera *Pensieri*, affrontando le “consequenze pericolose” del ottocento.

PAROLE CHIAVE: pessimismo – critica del presente - Modernità

Sabe-se que Nietzsche conheceu Leopardi através de Schopenhauer, principalmente os escritos em prosa, daí ele aproximar o pensamento de Leopardi ao de Schopenhauer de forma precipitada, desconsiderando que Schopenhauer conheceu Leopardi de modo insuficiente.² No entanto, as primeiras menções feitas a Leopardi são elogiosas, visto que afirmam que Leopardi “é o ideal moderno de filólogo; os filólogos alemães não sabem fazer nada [...]”³ e que “[...] Goethe e Leopardi aparecem para nós como os últimos grandes epígonos dos filólogos-poetas italianos.”⁴

Isso porque lhe parece que Leopardi se distancia da filologia moderna, a qual demasiado acadêmica e como dita por ele relacionada tão somente à erudição, incapaz de reinvenção do passado como também de invenção. Daí ele utilizar o termo filólogo-poeta em contraposição ao

² OTTO, Walter. Leopardi e Nietzsche. In: NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. Genova: Il Melangolo, 1992. pp. 156-157. “Ma Schopenhauer conosceva Leopardi in modo insufficiente.”

³ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. Genova: Il Melangolo, 1992. p. 51. “Leopardi è l'ideale moderno di filologo; i filologi tedeschi non sanno fare nulla [...]”

⁴ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 57. “[...] Goethe e Leopardi ci appaiono come gli ultimi grandi epigoni dei filologi-poeti italiani.”

filólogo-erudito.⁵ O fazer filológico está comprometido com a interpretação, a tradução, a análise e o conhecimento da antiguidade, porém também está comprometido com aquilo que todo esse conhecimento suscita, ou seja, o próprio fazer poético. Gianni Scalia, no posfácio à antologia italiana que reúne textos de Nietzsche nos quais ele cita Leopardi, especifica essa diferença entre as posturas filológicas:

Leopardi pertence à herança, que com Goethe assoma e conclui, dos “filólogos-poetas, para os quais a filologia (segundo Nietzsche, ‘decaído’ aquele nexo entre pesquisa e vida, na era historicista do “excesso de história”) não é uma disciplina especializada e institucional, mas uma educação interior, colóquio com os clássicos, com o espírito dos “grandes mortos”, “mestres de leitura”. [...] resta Leopardi que experimenta plenamente o valor da tradição clássica e, portanto, da filologia, como um nó “atual” de estilo, beleza, conhecimento, “grandeza de espírito”, exortação virtuosa.⁶

Desse modo, é possível estabelecer onde se dá o começo da relação entre Leopardi e Nietzsche. A valorização da grandeza dos antigos e a forma de estabelecer uma relação com eles aproximam os dois pensadores. O “excesso de memória” presente nos estudos filológicos impede a reinvenção do passado e a invenção de algo no presente, ou seja, o diálogo vivo com o passado que não condena o presente à imitação, e por isso Nietzsche vai atribuir um papel ao esquecimento no processo do conhecimento, como devedor de Leopardi, que meio século antes já havia refletido sobre o tema. Há, portanto, uma contraposição à visão historicista, a qual pretende empilhar memórias. Na segunda Consideração Extemporânea, intitulada *Sobre a utilidade e o dano da história para a vida*⁷, de 1874, Nietzsche afirma que uma possibilidade de felicidade se encontra num modo de vida ahistórico, pertencente aos animais. A consciência contínua do devir, ou mesmo a prisão ao passado perturba “a paz de um momento posterior.”⁸ Ele continua afirmando que é “impossível viver sem o esquecimento” e que “Para cada ação é preciso esquecimento: como para a vida de cada ser orgânico é preciso não somente a luz, mas também escuridão.”⁹ Assim como aparece em uma

⁵ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 53.

⁶ SCALIA, Gianni. Pensatori Risoluti. In: NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 186. “Leopardi appartiene all’eredità, che con Goethe assoma e conclude, dei “filologi-poeti”, per cui la filologia (secondo Nietzsche ‘decaduta’, quale nesso di ricerca e di vita, nell’epoca storicistica dell’“excesso di storia”) non è una disciplina specialista e istituzionale ma educazione interiore, colloquio con i classici, con lo spirito dei “grandi morti”, “maestri di lettura”. [...] resta che Leopardi sperimenta per intero il valore della tradizione classica e dunque della filologia, come nodo ‘attuale’ di stile, bellezza, sapere, “grandeza d’animo”, esortazione virtuosa.”

⁷ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. pp. 31-47.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 31 “É un miracolo: l’istante, eccolo presente, eccolo già sparito, prima un niente, dopo un niente, torna tuttavia ancora come spettro, turbando la pace di un istante posteriore” É um milagre: o instante, presente, eis que já se foi, antes de um nada, depois de um nada, no entanto, volta ainda como fantasma, perturbando a paz de um instante posterior.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 35. “Per ogni agire ci vuole oblio: come per la vita di ogni essere organico ci vuole non soltanto luce, ma anche oscurità”

passagem de Leopardi no Zibaldone já em 1824 a seguinte afirmação sobre o prazer: “[...] um abandono, um descuido, uma negligência, uma espécie de esquecimento de tudo.”¹⁰ Dito isso, podemos ver uma reflexão já feita por Leopardi cinquenta anos antes diluída no pensamento de Nietzsche.

Um segundo aspecto da aproximação de Nietzsche com Leopardi aparece na sua admiração pela poesia que contém pensamento. Por ele não especificar ou aprofundar as características desse pensamento, o elogio à atividade filológica se sobrepõe a qualquer valorização ou mesmo reconhecimento de débito em relação ao pensamento de Leopardi. Quanto a esse aspecto, afirma Emanuele Severino:

Schopenhauer, Wagner, Nietzsche sabem que se encontram diante de um gênio. Mas quando Nietzsche, que tem uma influência decisiva na cultura contemporânea, escreve que Leopardi é o maior prosador do século, ou “o filólogo ideal”, contribui de modo determinante para esconder a grandeza filosófica – da qual Nietzsche é profundamente devedor.¹¹

Ainda assim, Nietzsche traz Leopardi como um pensador que apresenta um ponto de vista supra-histórico, no sentido de trazer uma visão da história diferente e capaz de remediar o otimismo e o desejo ardente do futuro, no qual estaria presente a beleza da vida. A tal ponto de vista historicista, se opõe a visão de que uma época não deve ser conhecida apenas no sentido do que ela significa no processo histórico ou por qual etapa a define, mas considera o efeito na criação que o conhecimento dos espíritos potentes¹² e dos acontecimentos fortes pode engendrar no presente. Assim, Nietzsche destaca a singularidade dos acontecimentos e dos grandes espíritos, eternizando-os, que podem exercer um papel importante no presente, algo que não é permitido pela lógica da continuidade, na qual uma época se sobrepõe a outra.

Remetemos a uma passagem dos *Pensamentos*, na qual Leopardi afirma a força dos grandes espíritos na criação presente, no despertar do sentimento, no entanto considerando a resposta negativa dada pelo mundo em relação a esse reconhecimento:

Para com os grandes homens, mormente para com aqueles em que arde a extraordinária virilidade, o mundo é como uma mulher. Não somente os admira, mas os ama: porque

¹⁰ LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone*. 4. ed. Roma: Newton e Compton editori, 2016. p. 867. (4074) “[...] un abbandono una non curanza una negligenza una specie di dimenticanza d’ogni cosa.”

¹¹ SEVERINO, Emanuele. *Il nulla e la poesia*. Alla fine dell’età della tecnica: Leopardi. 3. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2010. p. 5. “Schopenhauer, Wagner, Nietzsche sanno di trovarsi di fronte a un genio. Ma quando Nietzsche, che ha un’influenza decisiva nella cultura contemporanea, scrive che Leopardi è il maggior prosatore del secolo, o «il filologo ideale», contribuisce in modo determinante a nascondere la grandezza filosofica – della quale Nietzsche è profondamente debitore.” Além dessa passagem no prefácio, fica latente por todo o texto de Severino aquilo que aparece em Nietzsche e que meio século antes Leopardi já trazia como reflexão.

¹² NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 43.

aquela sua força o apaixona. Não raras vezes, como com as mulheres, o amor que se lhes dedica é tanto maior por conta e na proporção do desprezo que mostram, dos maus tratamentos que dão e do temor que inspiram aos homens. Assim, Napoleão foi adorado pela França, e, por assim dizer, tornou-se objeto de culto por parte dos soldados, que ele chamou carne de canhão e tratou como tal. Assim, tantos comandantes que fizeram tal juízo e uso dos homens foram caríssimos a seus exércitos, quando vivos, e hoje, na História, encantam os leitores. Nesse tipo de homem, também agrada, e não pouco, uma espécie de brutalidade e extravagância [...] Portanto, Aquiles é inteiramente digno de amor, ao passo que a bondade de Enéias e de Godofredo, como sua sabedoria e a de Ulisses geram quase ódio.¹³

Nesse sentido, Nietzsche afirma que Leopardi assume a postura de um pessimismo supra-histórico. Admirável para ele no sentido de demonstrar uma outra relação com o passado, porém condenável sabedoria diante da necessidade de se ter uma esperança no futuro¹⁴. Nietzsche se opõe citando os versos do poema *A si mesmo* de Leopardi, não por acaso, escolhe um poema no qual Leopardi se apresenta mais desesperado: “Teus impulsos, nem digna é de suspiros/ A terra. Nojo e tédio/ É a vida, nada mais, e lama é o mundo./ Repousa”¹⁵, pretendendo indicar um pessimismo paralisante no poeta italiano e aproximando-o de Schopenhauer.

Desse modo, em contraponto a essa interpretação, é possível apresentar a crítica histórico-política exposta por Leopardi nos *Pensamentos*, a qual demonstra a crítica do presente do autor, não considerada por Nietzsche¹⁶. Na obra *Pensamentos* está presente a crítica da modernidade, valendo-se da observação daquilo que compromete os princípios morais de uma sociedade.

O modo de fazer a crítica demonstra uma experiência amarga, mas não resignada, pois demonstrada de forma irônica. Leopardi transmite amargura em seu texto não por uma infundada insatisfação, mas por ser impossível não transmitir, por fazer parte das conclusões da própria experiência vivida. A amargura aparece como revolucionária para Benjamin, como ele afirma na sua resenha¹⁷ sobre os *Pensamentos*, pois é resistência, é busca de compreensão da realidade que se vive. Desse modo, Benjamin diz:

¹³ LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. In: LEOPARDI, Giacomo. *Poesia e Prosa*, trad. br. Affonso Félix de Souza, Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 500.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 47.

¹⁵ LEOPARDI, Giacomo. *Cantos*. In: LEOPARDI, Giacomo. *Poesia e Prosa*, trad. br. Affonso Félix de Souza, Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 268.

¹⁶ Cf. OTTO, Walter. *Leopardi e Nietzsche*. p. 156. Segundo Walter Otto, Nietzsche não conheceu a meditação crítica de Leopardi, principalmente dos escritos como *Zibaldone* e o *Discurso de um italiano sobre a poesia Romântica*. O primeiro publicado entre 1898 e 1900 e o segundo publicado em 1906.

¹⁷ BENJAMIN, Walter. *Giacomo Leopardi: Pensamentos*, trad. Tereza Callado. [online] Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/cado3/giacomo.pdf> Acesso em: 11/09/2019. “[...] sua produção em prosa, plena de tomadas satíricas e amargura revolucionária.”

[...] impor justiça ao pior mundo não é coisa de heroísmo, mas de resistência, perspicácia, sutileza e curiosidade. É esse experimento mortal com a matéria explosiva mundo que faz o “Pensieri” tão arrebatador. Ele é um oráculo manuseável, uma arte de sabedoria do mundo para os rebeldes. Seu moralismo cru, dilacerante, não está mais próximo de ninguém do que do espanhol Gracian. Apenas o que Leopardi arrancou de Recanati e Florença não tem a serenidade e a plenitude que Gracian deve à vida na corte.¹⁸

Há em Leopardi uma descrença na modernidade como destruidora das relações de submissão, principalmente pela característica moderna da ferocidade mercantil, da preocupação com o comércio, com o dinheiro e com o desejo de conquistar. Por isso ele afirma que no século XIX é como se o dinheiro fosse, em essência, o homem¹⁹, pois é a única matéria que os homens concordam, mesmo que discordem em todas as outras opiniões. Como se fosse suficiente para tornar estáveis as virtudes e os bons costumes, o apoio da indústria e a vida financeira segura. No entanto, afirma Leopardi:

[...] em companhia da indústria, a pobreza de espírito, a frieza, o egoísmo, a avareza, a hipocrisia e a ferocidade mercantil, todas as qualidades e todas as paixões mais perversivas e mais indignas do homem civilizado entram em vigor e multiplicam-se infinitamente; mas as virtudes se esperam²⁰.

A conquista de poder sobre o outro engendra a luta de todos contra um e de um contra todos, ela consiste na busca de abater o outro para tê-lo aos seus pés, e aquele que está sendo abatido precisa manter a cabeça erguida de modo a se defender.

Assim, não escapou a Leopardi a diversidade de questões que surgem com o novo modo de ser moderno. A moral, como ciência do bem viver, ao se dispor de modo convencional é puramente especulativa, distante das ações, da prática humana e mais especulativa se distante da política, pois a prática depende também das instituições e do modo de regular-se da nação. Por isso Leopardi afirma: “Falais de moral quando quereis um povo mal governado: a moral é um dito, e a política é um fato: a vida doméstica, a sociedade privada, qualquer coisa humana toma a sua forma pela natureza geral do estado público de um povo.”²¹

Para provar a distância da relação dos juízos morais com as ações seja dos indivíduos ou em escala nacional, Leopardi exemplifica com o caso da escravização dos negros africanos²². De antemão ele afirma que no século XIX há uma concepção ética sobre a relação entre negros e

¹⁸ Cf. BENJAMIN, Walter. *Giacomo Leopardi: Pensamentos*, trad. Tereza Callado.

¹⁹ LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. p. 489.

²⁰ LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. p. 489.

²¹ LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone*. p. 147. “Parlate di morale quanto volete a un popolo mal governato: la morale è un detto, e la politica un fatto: la vita domestica, la società privata, qualunque cosa umana prende la sua forma dalla natura generale dello stato pubblico di un popolo.”

²² LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. p. 496.

brancos a qual afirma que apesar de raças e origens diferentes são parelhos quanto aos direitos humanos. Já no século XVI, quando a concepção afirmava que negros e brancos tinham uma raiz comum, mas quanto aos direitos, por natureza e pela vontade divina os negros eram infinitamente inferiores. No entanto nem a concepção que afirma que há uma raiz comum entre negros e brancos, nem a concepção moderna de igualdade de direitos impediu a dominação, como bem diz Leopardi: “em ambos os séculos os negros foram comprados e vendidos, como obrigados a trabalharem em cativeiro sob açoite²³”.

Nesse sentido demonstra-se a fragilidade deste século em resolver as questões humanas mais urgentes, pois se prioriza a criação moral de forma especulativa e não se olha para as ações²⁴. Portanto, é importante que a ciência moral ou mesmo a política não se separe da ciência humana²⁵, do conhecimento das coisas e ações humanas para operar alguma transformação, ir além dos fatos e poder trazer algum ensinamento e conhecimento.

A preocupação com as questões políticas de seu tempo é notável em Leopardi, daí Walter Binni afirmar o que ele foi capaz de realizar:

[...] diagnóstico obstinado e agudíssimo das bases mesmas da direção cultural do próprio tempo e das atitudes práticas e políticas das posições reacionárias ou liberais em embate entre elas (no crescente atrito entre Restauração e o movimento nacional-liberal e constitucional depois do fracasso substancial dos movimentos europeus e italianos de ‘30-31’), mas no fim convergentes no entender de Leopardi – em um nível mais profundo – em relação às vias ideológicas equivocadas[...]²⁶

Por conseguinte, o que vem à tona nesta passagem é a negação de Leopardi em relação aos ideais liberais, bem como em relação àqueles da Restauração que eram substancialmente reacionários. Mas também os ideais liberais revestidos de otimismo eram prejudiciais para a humanidade. Tal compreensão faz Leopardi escrever em 1835 um poema intitulado *Palinódia ao*

²³ LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. pp. 496-497.

²⁴ Cf. MONTAIGNE, Michel de. SCREECH, M. A. (org.). *Os ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 511. Importante notar uma proximidade desta discussão com o pensamento de Montaigne, autor do qual Leopardi foi um leitor. Montaigne ao discutir sobre a fragilidade das leis no julgamento e regulação das ações humanas diz: “O que ganharam nossos legisladores em distinguir 100 mil categorias e fatos específicos e a eles ligar 100 mil leis? Esse número não tem a menor relação com a diversidade infinita das ações humanas. A multiplicação de nossas invenções não conseguirá igualar a diversidade dos exemplos. Somem-se a isso mais cem vezes e ainda assim não será possível que entre os acontecimentos futuros haja só um que, em todo esse grande número de milhares de acontecimentos selecionados e repertoriados, possa se juntar e emparelhar com outro tão exatamente que não reste entre eles a menor particularidade e diferença e que não requeira um julgamento específico. Há pouca relação entre nossas ações, que estão em perpétua mutação, e as leis fixas e imóveis.”

²⁵ LEOPARDI, Giacomo. *Pensamentos*. p. 492.

²⁶ BINNI, Walter. *La protesta di Leopardi*. Firenze: Sansoni, 1973. p.152. “[...] diagnosi spietata e acutissima delle basi stesse della direzione culturale del proprio tempo e degli atteggiamenti pratici e politici delle posizioni reazionarie o liberali in urto fra loro (nel crescente attrito fra Restaurazione e movimento nazionale-liberale e costituzionale dopo il fallimento sostanziale dei moti europei ed italiani del ‘30-31’), ma alla fine per Leopardi convergenti – ad un livello più profondo – in vie ideologiche sbagliate[...].”

Marquês Gino Capponi, o qual demonstra o mais reprovável objetivo desses ideais, ou seja, enganar a humanidade e enfraquecê-la culturalmente e politicamente. Nesse sentido, afirma Leopardi:

Divina solução acharam os gênios
Excelsos do meu tempo: não podendo
Fazer feliz pessoa alguma, o homem
Esquecendo, se deram a procurar
Uma geral felicidade, e aquela
Achada facilmente, eles muitos
Tristes e todos míseros, fizeram
Um povo alegre: e tal portento, ainda
Nos *pamphlets*, nas revistas, nas gazetas
Não proclamando, o vulgo em massa admira.²⁷

Também as promessas do século sempre foram observadas com muito cuidado por Leopardi, recorrendo sempre à experiência para compreender o mundo e acessar a sua realidade. Segundo Benjamin, como podemos observar ainda na resenha sobre os *Pensamentos* de Leopardi: “Às vezes a espada escapou ao jovem Leopardi, mas ele resistiu na sua armadura. Nessa blindagem se reflete, para ele, o mundo, desfigurado e dourado: intelligence-cuirasse (inteligência-couraça)²⁸”. Ele resistiu com as forças que tinha ao mundo que se apresentava “desfigurado e dourado” pelas promessas do século. Mesmo sem a espada para combater a marcha do mundo moderno, resistiu na própria compreensão desse mundo.

Diante do exposto, é possível aproximar o pessimismo de Leopardi de uma crítica do presente e não de uma condição fisiológica em decorrência de males do corpo. Contrapondo o que Nietzsche interpretou, ao afirmar sobre o pessimismo de Leopardi, como “fraqueza, cansaço e decadência da raça.”²⁹ Associando Leopardi ao conjunto do que ele chama de “pessimistas modernos decadentes”³⁰, como se tal pessimismo fosse expressão de uma “decadência fisiológica.”³¹

Desse modo, ao apresentar a crítica do presente de 1835 dos *Pensamentos*, imanente ao contexto histórico e não reduzida a um sentido cósmico, expomos que o pessimismo de Leopardi se aproxima mais da posição que Nietzsche supõe como a sua, como descreve nos Fragmentos Póstumos entre 1888-1889:

²⁷ LEOPARDI, Giacomo. *Cantos*. p. 283.

²⁸ BENJAMIN, Walter. *Giacomo Leopardi: Pensamentos*, trad. Tereza Callado.

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 109. “debolezza, la stanchezza, la decadenza ella razza.”

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 111.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. p. 111.

Aquilo que distingue Nietzsche: a espontaneidade de sua visão psicológica, uma vertiginosa amplitude de olhar, de experiência interior, de intuição, de revelação, uma vontade de coerência, a intrepidez diante da dureza e das consequências perigosas³².

Também aproxima ambos, o espírito poético, que em Nietzsche existe prescindindo da composição poética propriamente dita, mas está presente nas obras filosóficas.³³ Nietzsche foi, junto a Pietro Giordani³⁴, um dos únicos autores a considerar a obra de Leopardi sem separar poesia e filosofia. Postura daquele, que para Antonio Prete, busca “o pensamento da poesia e o tecido imaginativo da filosofia.”³⁵ Para Prete, a história da crítica leopardiana impede a aproximação entre imaginação e teoria, língua e pensamento, estrutura simbólica e análise e entre poesia e filosofia.³⁶

No entanto, mesmo com tal contribuição para essa abordagem de Leopardi, o último Nietzsche, na interpretação aqui apontada, não compreendeu a dimensão viva do pessimismo de Leopardi, principalmente a noção de verdade ligada a esse pessimismo, pois foi a partir de uma compreensão da realidade moderna que Leopardi assumiu uma postura pessimista e também um ideal de verdade diferente daquele dos modernos. Para ele, uma verdade onipotente e puramente racional não protege nossas raízes materiais, pois elimina a imaginação e as ilusões da compreensão viva do mundo. Portanto, tal verdade, impõe uma compreensão unilateral. Como podemos observar, Nietzsche também se contrapõe a essa premissa, ao afirmar o que é prioridade na verdade:

Como se vê, neste livro, o pessimismo, de fato, para falar mais claramente, o niilismo, é considerado a <<verdade>>, mas a verdade não é considerada como um supremo critério de valor e ainda menos como suprema potência. O desejo de aparência, de ilusão, de engano, de transformação e mudança é considerado aqui mais profundo e original, mais <<metafísico>> do que o desejo de verdade, de realidade, de ser – e também este último é, ele mesmo, somente uma forma de desejo de ilusão. Da mesma forma, o prazer é considerado mais original que a dor: a dor é condicionada como uma mera consequência do desejo de prazer (do desejo de transformar, crescer, moldar e, portanto, avassalador, de oposição, de guerra, enfim, de destruição). Concebe-se um altíssimo estado de afirmação da existência, cuja a mesma dor, toda espécie de dor é incluída eternamente como meio de fortalecimento: o estado trágico- dionísio³⁷.

³² NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti Postumi*: 1888-1889. 2. ed. Milano: Adelphi Edizioni, 1986. p. 21. “Ciò che distingue Nietzsche: la spontaneità della sua visione psicologica, una vertiginosa ampiezza di sguardo, di esperienza interiore, di intuizione, di rivelazione, una volontà di coerenza, L’intrepidezza di fronte alla durezza e alle conseguenze pericolose.”

³³ OTTO, Walter. *Nietzsche e Leopardi*. p. 156.

³⁴ Cf. LEOPARDI, Giacomo. Proêmio (Pietro Giordani) In: Leopardi: *Prose*, Milano: Istituto editoriale italiano, vol. XXI, S/D. p. 375. No próêmio ao terceiro volume da obra de Leopardi, Pietro Giordani aproxima o poeta do filósofo, bem como do filólogo ao afirmar que Leopardi foi: “sumo filólogo, sumo poeta e sumo filósofo”.

³⁵ PRETE, Antonio. *Il pensiero poetante*: Saggio su Leopardi. 3. ed. Milano: Feltrinelli, 1997. p. 65. “il pensiero della poesia e il tessuto immaginativo della filosofia.”

³⁶ PRETE, Antonio. *Il pensiero poetante*: Saggio su Leopardi. pp. 65-66.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti Postumi*: 1888-1889. p. 20. “Come si vede, in questo libro il pessimismo anzi, a parlare più chiaro, il nichilismo, è ritenuto essere la «verità»; ma la verità non è considerata come un supremo criterio di valore e ancor meno come suprema potenza. La volontà di parvenza, di illusione, di inganno, di divenire e mutare è considerata qui più profonda e originale, più

O pessimismo Leopardiano, em um sentido histórico é oriundo da compreensão do mundo moderno, e, em sentido cósmico, oriundo da compreensão de que o nada é ontológico. O nada é verdadeiro e tudo é nada, e daí também a presença inevitável da infelicidade quando do conhecimento desse nada. A negação da possibilidade de felicidade em Leopardi, não é uma renúncia absoluta ao mundo, pois não se equivale à negação de tudo que foi construído pelo pensamento e pelos ideais.³⁸ Daí a valorização dos antigos, como também das ilusões, não no sentido negativo dado pela racionalidade, como aquilo que se opõe à clareza e distinção, mas no sentido daquilo que faz parte da estrutura humana e nos permite construir ideais. A única realidade está nas nossas ilusões, fantasias e enganos, pois são elas que impulsionam tudo que é nobre no nosso pensamento sobre as coisas e nas nossas ações.

Ao conhecermos o nada no qual estamos imersos, nos resta valorizar apenas aquilo que é grande, daí o pessimismo, em vez de traduzir-se em renúncia, buscar o que há de mais valoroso sempre, não contentando-se nem com as promessas otimistas do século XIX nem com os limites que a própria natureza nos impõe, ao nos condenar ao devir. Em Leopardi não há também o ímpeto dionisíaco de abraçar a vida também na dor, que para Walter Otto “gerou o novo mito no entusiasmo de uma eternidade esplendorosa”³⁹, ou um niilismo ativo. Há a “capacidade de nomear o mal” e “a firmeza em aceitar [...] o próprio e comum destino”⁴⁰, “afrontá-lo e suportá-lo com maturidade.”⁴¹ Para Scalia a grandeza do último Leopardi e a sua resistência não se encontra na expressão sublime da dor⁴², mas na capacidade de não manter “nem a cabeça ereta da presunção, nem a cabeça inclinada da resignação.”⁴³

Leopardi, no poema *A Giesta ou a flor do deserto*, demonstra tal resistência, a flor que habita em meio ao nada, à aridez e à destruição, consegue afirmar e alegrar-se de algo, que não está relacionado à própria dor oriunda da destruição, porém, por meio de uma sabedoria desesperada,

«metafisica» della volontà di verità, di realtà, di essere - e anche quest'ultima è, essa stessa, solo una forma della volontà di illusione. Del pari, il piacere è considerato più originario del dolore*: il dolore è condizionato come una mera conseguenza della volontà di piacere (della volontà di divenire, crescere, plasmare e quindi di sopraffazione, di opposizione, di guerra, insomma di distruzione). Si concepisce un altissimo stato di affermazione dell'esistenza, in cui lo stesso dolore, ogni specie di dolore è incluso eternamente come mezzo di potenziamento: lo stato tragico-dionisiaco.”

³⁸ OTTO, Walter. *Nietzsche e Leopardi*. p. 161.

³⁹ OTTO, Walter. *Nietzsche e Leopardi*. p. 177. “ha generato il nuovo mito nell'entusiasmo di una eternità splendente.”

⁴⁰ SCALIA, Gianni. *Pensatori Risoluti*. p. 196.

⁴¹ SCALIA, Gianni. *Pensatori Risoluti*. p. 196.

⁴² SCALIA, Gianni. *Pensatori Risoluti*. p. 197.

⁴³ SCALIA, Gianni. *Pensatori Risoluti*. p. 197. “nè il capo eretto della presunzione, nè il capo piegato della rassegnazione.”

firma o seu canto⁴⁴. Ela não se alegra da destruição, mas de poder nomeá-la, no canto conhece a morte, não se crê imortal, ela é, por isso, menos débil e dá “um perfume que consola o deserto.”⁴⁵

REFERÊNCIAS:

- BENJAMIN, Walter. *Giacomo Leopardi: Pensamentos*, trad. Tereza Callado. [online] Disponível em: <http://www.gewebe.com.br/pdf/cado3/giacomo.pdf> Acesso em: 11/09/2019.
- BINNI, Walter. *La protesta di Leopardi*. Firenze: Sansoni, 1973.
- LEOPARDI, Giacomo. Cantos. In: LEOPARDI, Giacomo. *Poesia e Prosa*, trad. br. Affonso Félix de Souza, Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996.
- _____. Pensamentos. In: LEOPARDI, Giacomo. *Poesia e Prosa*, trad. br. Affonso Félix de Souza, Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996.
- _____. *Zibaldone*. 4. ed. Roma: Newton e Compton editori, 2016.
- LEOPARDI, Giacomo. Proemio (Pietro Giordani) In: Leopardi: Prose, Milano: Istituto editoriale italiano, vol. XXI, S/D.
- MONTAIGNE, Michel de. SCREECH, M. A. (org.). *Os ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Frammenti Postumi: 1888-1889*. 2. ed. Milano: Adelphi Edizioni, 1986.
- _____, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. Genova: Il Melangolo, 1992.
- OTTO, Walter. Leopardi e Nietzsche. In: NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. Genova: Il Melangolo, 1992.
- PRETE, Antonio. *Il pensiero poetante: Saggio su Leopardi*. 3. ed. Milano: Feltrinelli, 1997.
- SCALIA, Gianni. Pensatori Risoluti. In: NIETZSCHE, Friedrich, GALIMBERTI, Cesare (Org.). *Intorno a Leopardi*. Genova: Il Melangolo, 1992.
- SEVERINO, Emanuele. *Il nulla e la poesia*. Alla fine dell'età della tecnica: Leopardi. 3. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2010.

⁴⁴ Cf. SEVERINO, Emanuele. *Il nulla e la poesia*. Alla fine dell'età della tecnica: Leopardi. p. 234. “Essa non dice «sì» al deserto, non gioisce del nulla, non è «il piacere dell'annientamento», a differenza del superuomo di Nietzsche. Il superuomo gioisce dell'annientamento, perché egli è l'eternità stessa del divenire: l'eternità del divenire gioisce dell'annientamento di ciò che essa deve bruciare per essere fiamma eterna. La ginestra, invece, è contenta del deserto, perché il deserto é ciò que essa canta – e che nel canto é sentido como origem e luogo della scontentezza” “Essa não diz “sim” ao deserto, não se alegra com o nada, não é “o prazer da aniquilação”, ao contrário do super-homem de Nietzsche. O super-homem se alegra na aniquilação, porque ele é a eternidade do devir: a eternidade do devir se alegra na aniquilação do que deve queimar para ser chama eterna. A Giesta, por outro lado, está contente com o deserto, porque o deserto é o que canta - e que no canto é sentido como a origem e o lugar do descontentamento.”

⁴⁵ LEOPARDI, Giacomo. *Cantos*. p. 289.